

A ILLUSTRACÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

ESCRITORIO, 6, rue Saint-Petersbourg
Assignaturas

ANNO. 24 francos
SEMESTRE. 12 »
AVULSO. 1 »
No resto da Europa 14 francos por semestre e 28 francos por anno.

2.º Anno. — Volume II. — Numero 18.

PARIS 20 DE SETEMBRO DE 1885

Director : MARIANO PINA

LISBOA

DAVID CORAZZI, 42, R. da Atalaya.
Assignaturas

ANNO 2.400
SEMESTRE. 1.200
TRIMESTRE 600
AVULSO. 100



A VELHICE DO PADRE ETERNO

ANDÁ agora de mão em mão, por Portugal e Brazil, causando as delicias dos Herejes, o desespero dos Catholicos, a raiva dos Padres e a admiração da Literatura, — o novo poema de Guerra Junqueiro. Os jornaes fallam até com espanto da rapidez com que a edição se esgota. O facto não me

surprehende. O auctor é um grande artista que o publico comprehende e admira. Lêl-o constitue um prazer; e se em vez d'uma edição se não esgotam vinte d'um seu livro, não devemos queixar-nos do publico. Não é o publico que não compra — são os nossos editores que ainda não sabem vender, como vendem os editores francezes.

Porque o auctor me faz a honra de ser meu amigo de letras, *A Velhice* veio já ha muitos dias para cima da minha mēza. E hoje posso dar sobre o livro a minha opinião, depois d'uma leitura attenta, demorada, quasi sempre entrecortada de admirações e de risos. É que este bello poeta dispõe do alexandrino e das rimas d'oiro como se fosse um rico nababo oriental; tem ao seu alcance imprevistas notas d'um lyrisimo delicadissimo, coloridas como certas estrophes de Musset e de Gautier, e alegres como certos trechos de Bizet e de Deslibes; e a sua satyra vibra francamente no ar, como certas risadas de Voltaire e de Proudhon.

Vou pois dizer francamente o que penso ácer-

ca d'este poema que é ao mesmo tempo um pamphleto; ácerca d'este livro que é precioso como obra d'arte, mas que é irregular e fraco como obra de phiiosopnia. E o que se segue vou dizel-o com tanta mais sinceridade e escrevel-o com tanta mais firmeza, quanto estou certo que Junqueiro ficaria mal comigo se eu lhe fosse chamar o que lhe chama agora toda a gente — « o primeiro poeta da Peninsula » e « o egual de Hugo e de Juvenal ». No meu paiz ainda se não perdeu a mania das alcunhas... Aqui está o motivo porque diante de cada nova obra d'arte que surge, a Critica geralmente só sabe cøhir de joelhos, e queimar incenso. Ora o primeiro dever da Critica — é ver se effectivamente ha um Deus para incensar!

O POETA

Na *Velhice do Padre Eterno* surge-nos a espacos o mesmo artista, o mesmo Guerra Junqueiro que ensinou a ler á sua Musa nos livros de Hugo, de Musset, de Baudelaire, de Gautier

UM GRUPO CELEBRE



EÇA DE QUEIROZ. — OLIVEIRA MARTINS. — ANTHERO DO QUENTAL. — RAMALHO ORTIGÃO. — GUERRA JUNQUEIRO

e de Nerval — e que nós já conhecíamos da *Morte de D. João* e da *Musa em Férias*.

Diz-se nos círculos litterarios de Portugal, que Junqueiro provém sómente de Hugo, que é apenas em Hugo que elle se inspira. E' um erro. Quem ler attentamente os seus primeiros livros, ha de ver que no poeta tambem influenciou, e muito, este pessimismo *byroniano* adocado tristemente por uma certa melancholia d'espírito que paira em quasi toda a obra de Musset; ha de ver a sombra de Gautier em certos versos d'uma factura toda plastica e toda sensualista; ha de deparar com o mesmo pessimismo de Baudelaire, que de novo se revela na

Valla commum — tasca nojenta,
Meza redonda sepulchral,
Aonde a toalha crapulenta
É um lençol rôto do hospital,

E onde as larvas proletarias
Devoram — lugubres festins! —
Craneos de heroes, ventres de parias,
Carcassas pôdres de arlequins.

ha de encontrar-se com as mesmas visões de Nerval, chimeras do azul que passam aos bandos... aos bandos... por sobre as nossas cabeças, perfumando o ar com as suas tranças d'oiro — mas que só os poetas, creaturas dotadas d'uma segunda visão, sabem ver e sabem cantar.

Eu não faço bem uma ideia do espanto de que ha de ser possuido um pacifico e circumspecto leitor, ao deparar com estes dois versos:

Ó almas que viveis puras, immaculadas
Na torre de luar da graça e da illusão.

E comtudo estes versos são adoraveis, d'um contorno, d'um colorido, d'um rythmo encantadores. É que a Poesia é como o Amôr. Prova-se, gosta-se, — mas não se define. Poesia é Poesia; é um coração, uma alma, um cerebro, uns nervos, um organismo inteiro pôsto em vibração, e uma penna marcando essas vibrações todas, sobre o papel, febrilmente, como um aparelho de telegraphia. Quando a Poesia não é isto — não é nada! E se tem tudo isto, menos cerebro, ou menos coração, ou menos alma, é muito pouco, é quasi cousa nenhuma. Ora Junqueiro tem tudo isso!...

Não imaginem agora que vou n'um elogio pegado até ao fim. Logo fallaremos do lado fraco do poema...

O mesmo lyrico e o mesmo pantheista da *Morte de D. João* e da *Musa em Férias* surge nos de quando em quando nas paginas da *Velhice*. Mas n'este livro a sua poesia não traz nem a mesma largueza de vôo, nem a mesma vastidão d'horizonte. Já não é aquella innundação triumphal de bellos e rijos Alexandrinos como os dos primeiros tempos, nem a altiva cavalgada das formosas e provocadoras Imagens d'outrora, deixando atraz de si o ruido glorioso e sonoro das suas rimas de prata e de crystal. A *Velhice do Padre Eterno* obrigou o artista muitas vezes a fazer calar o Coração e a Phantasia, para apenas pensar no pamphleto que o hereje havia de atirar á cara da Igreja... E é por isso que se sente um infinito prazer ao deparar de tempos a tempos com versos como estes:

Almas, urnas de fé, de caridade, e esperança
Vasos d'oiro contendo aberto um lirio santo

ou como estes:

Vinham-nos da montanha as canções das ceifeiras,
E a lua branca, além, por entre as oliveiras,
Como a alma d'um justo, ia em triumpho ao céu!...

ou como estes:

Ó velhos aldeões, exhaustos de fadiga,
Que andaes de sol a sol na terra a mourejar,
Roubar-vos da vossa alma a vossa crença antiga
Seria como quem roubasse a uma mendiga
As trez achas que leva á noite para o lar!

Ah! que é este Junqueiro que me falta na *Velhice*, é este extraordinario artista que eu vejo desaparecer do livro, para ceder o lugar a um pamphletario, cuja obra nenhum facto social hoje provocou! Falta-me o poeta da *Morte de D. João*, onde ha versos que causariam surpresa a Baudelaire; falta-me o delicado poeta da *Musa em Férias*, o delicioso pintor das Naturezas d'abril e das crianças alegres, e louras, e côr de rosa,

. corpos feitos de arminho
. almas feitas d'aurora

escrevendo paginas que n'uma bibliotheca d'amador serão sempre collocadas ao lado das mais bellas das *Chansons des rues et des bois* e de *L'art d'être Grand-père*, de Victor Hugo...

Falta-me finalmente — Guerra Junqueiro, o antigo!... E se não tivéssemos na *Velhice* o poemeto *O Melro*, e a *Arvore do Mal*, e a *Locomotiva*, e certos pedaços de certas poesias onde o pamphletario não poude por mais tempo resistir á lucha travada entre elle e o artista — da *Velhice* pouco ficaria para regalo d'aquelles que acham extemporanea esta sova na Igreja, nos Papas e nos Padres, e que no livro apenas querem admirar a pura obra d'arte. Sobretudo resta-nos *O Melro*, que abre victoriosamente assim:

O melro, eu conheci-o
Era negro, vibrante, luzidio,
Madrugador, jovial;
Logo de manhã cedo
Começava a soltar d'entre o arvoredro
Verdadeiras rípidas de crystal.
E assim que o padre cura abria a porta
Que dá para o passal,
Repicando umas finas ironias,
O melro d'entre a horta
Dizia-lhe: « Bons dias! »
E o velho padre cura
Não gostava d'aquellas cortejas.

E assim começa com tanta graça e tanta ligeireza e tanto brilho, para depois terminar no negro e dolorido drama que nós todos lemos com o coração constangido pela dôr...

O POETA SATYRICO

A parte mais brilhante da *Velhice* é aquella em que o poeta dá largas á sua satyra. É mesmo a parte mais importante do novo poema, por que nos deixa ver Junqueiro á vontade, inteiramente á vontade n'esta outra feição em que tanto se compraz o poeta. Eu estou mesmo em afirmar que as duas unicas feições da poesia de Guerra Junqueiro são o *lyrismo* e a *satyra* — o mesmo *lyrismo* que tanto abunda na obra de Hugo, e uma *satyra* que eu não encontro em nenhuma pagina do poeta dos *Châtiments*, tendo de subir até Voltaire para ver quanto ella vale, se o ouro é effectivamente de lei.

Poeta lyrico e poeta satyrico, Guerra Junqueiro, d'entre os modernos, é dos mais eminentes. Na nossa litteratura, o seu *lyrismo* é muito mais humano, muito mais vivido, que todo o *lyrismo* dos nossos Romanticos; é um dos raros poetas portuguezes cuja satyra não precisa procurar o termo baixo ou obsceno para fazer rir a multidão.

A *Velhice* está cheia de exemplos preciosos. As vezes, lembra as ironias do *Examen important de milord Bolingbroke*, de Voltaire, e das suas polemicas em prosa e verso sobre a Reli-

gião, d'aquelle Voltaire do epigramma imitado da Anthologia:

L'autre jour au fond d'un vallon
Un serpent piqua Jean Fréron.
Que pensez-vous qu'il arriva?...
Ce fut le serpent qui creva!

outras vezes, tem repentés, ápartes, ditos, exclamações e imprecações que lembram Proudhon. Junqueiro, na sua poesia satyrica é admiravel, dispondo d'uma *verve* que eu só hoje encontro em França nas chronicas de Rochefort. Porque afinal de contas a *Velhice* é uma terrivel *Lanterne* em verso, contra os padres! E as suas satyras mais preciosas e mais duradouras são a *Circular*, as duas *Ladainhas*, a *Benção da Locomotiva*, e a *Séta do sr. Abbade*.

Diz Voltaire a Jesus:

Lá vae pegando ao palio o teu amigo Judas
Que está, como tu vês, commendador de Christo!

É ainda Voltaire quem falla:

O vicio, meu amigo, é bom como a pimenta,
E o defeito que tem é ser um pouco caro.

Mais adiante fallando de Londres:

Opulenta Gomorra hidropica de vicio,
Que Deus não enxofrou talvez, como costuma,
Porque, além de estar caro o enxofre, Deus em suma
Já não pode arruinar-se em fogos d'artificio!

Na carta ao Nuncio, ao fallar do seu Deus de que este é o hereje e o poeta o crente, um Deus que não tem lista civil, Junqueiro acrescenta:

Nem nuncios para dar pelas côrtes da Europa
Em doirados salões e esplendidas estufas
Festins onde se serve o Evangelho com trufas,
A Biblia com champagne, e a alma de Jesus,
Bem picada, recheiando os faisões e os perus!

E a *Ladainha moderna* termina com esta en-diabrada quadra:

S. Venha-a-nós — realisa este desejo,
S. Venha-a-nós — ingenuo e timorato:
S. Venha-a-nós — faz do universo um queijo
S. Venha-a-nós — e faz de nós um rato!

Mas nada chega em brilho, em graça, em phrase facil e ligeira, em ironia vestida no mais justo numero de palavras, a esta esplendida *Circular* que começa:

Deus e Filho. Bazar da fé. Venda forçada.

E segue-se a *réclame* e as virtudes de cada um dos artigos annunciados. *Agua de Lourdes*:

Uma perna amputada unta-se, e em dois instantes
Torna a crescer e fica ainda maior que dantes.
...
Uma vez uma morta tomou-a,
Espirrou e ficou inteiramente boa!

Mas tenho que parar com as transcrições, para d'aqui a pouco não me decidir a publicar quasi todo o livro. O que se vê é que em Junqueiro ha um grande poeta satyrico que espera momento mais propicio para se revelar plenamente, um neto de Voltaire que ainda nos ha de assombrar com outro poema que não seja contra a Igreja, porque hoje a Igreja já nada faz que possa provocar um livro tão inflammado. Outros inimigos mais terriveis se erguem agora diante de nós que é preciso combater — a Prostituição, o Proletariado, esta mesma Banalidade que parece querer governar o mundo, e que Flaubert combateu na *Madame Bovary* e na *Education sentimentale*. A Igreja, essa, faz lembrar os lagartos mordendo nas abas d'um chapéo e ahí deixando os dentes. Os dentes já

os perdeu ha muito, e hoje a lagartixa tornou-se inoffensiva...

O FIM DO POEMA

O fim a que se propõe *A Velhice do Padre Eterno* é desacreditar no espirito publico a Igreja e os padres. É por isso que todo este poema é formado de poesias onde muitas vezes, não a bôa e expontanea *satyra*, mas a *heresia* d'aquelles a que imprópriamente se chamam « livres pensadores », é mettida á força para arrelhar o padre, e fazer empallidecer todo o leitor em cujo espirito ainda habita uma vaga poesia christã, feita de clemencia, de resignação e de fé. O livro fez-me lembrar as *Blasphemias* de Richepin, quando o poeta para escandalizar todos os sentimentos humanos, diz que uma creança não passa de:

Un spermatozoïde aveugle dans l'ovaire

e que as lagrimas, mesmo as lagrimas de mãe, não são mais do que:

Eau, sel, soude, mucus et phosphate de chaux

Ora quando a poesia quer attingir o successo por meio d'estas preoccupações, perde-o inteiramente, porque lhe falta a qualidade primordial para o successo — a expontaneidade. Nenhum de nós precisa recorrer aos poemas para saber o que é um spermatozoide, ou a composição chimica da lagrima. O que nós desejamos, é que os poetas nos fallem dos maravilhosos rythmos e affinidades de sentimento puro que resultam de todas estas combinações dos phenomenos materiaes; é que elles nos fallem da grande alma que existe em toda a Natureza e do seu vastissimo ideal, para nos fazer esquecer este immundicie chimica sobre que assentam todos os phenomenos da vida.

Entre a *Velhice do Padre Eterno* e as *Blasphemias* de Richepin, ha affinidades de ponto de vista que é necessario não desprezar. A *blasphemia* é irmã gêmea da *heresia*, e os dois livros hão de soffrer do mesmo vicio de *chic*, quando quizermos estudar apenas o valor intrinseco da obra d'arte.

Richepin quiz ser um atheu, atacando todos os preconceitos e todos os sentimentos bons do seu tempo. Junqueiro n'um paiz essencialmente catholico, mas catholico á bôa maneira, procura tambem offender todas as almas. Para quê? Para destruir uma religião? Mas Junqueiro tambem tem a sua; tambem tem o seu Deus, o Deus dos herejes que é afinal o mesmo Deus da Igreja apenas com algumas differenças de scenario; e que era já o Deus ou o Ideal de Voltaire, d'este Voltaire com quem Junqueiro é immensamente injusto quando lhe chama — *arlequim-titan, semi-deus-garvoche*, e quando diz:

*Tu és feito de luz e feito de baixezas,
Feito de heróicidade e de protervias más.*

Sim, senhor. Mas se não fosse o *arlequim-titan*, o *semi-deus-garvoche* que preparou 93, nós estaríamos ainda hoje sob o jugo d'uma Igreja absorvente, nós não teríamos lido nem Proudhon, nem Victor Hugo, nem o proprio Richepin, e o meu caro Junqueiro não escreveria hoje tão livremente o livro inflammado que tenho diante de mim.

Voltaire é que deu coragem, a coragem da ideia, a todo o seculo XIX. Livros de Proudhon, lategos de Victor Hugo, blasphemias de Richepin, heresias de Junqueiro — nada d'isso teria existido se o auctor de *Brutus* não escrevesse os seus trabalhos de philosophia geral, de Moral e de Religião, se elle não tivesse escripto o *Exame importante* e as *Questões de Zapata*.

Mesmo o que Victor Hugo disse contra a Igreja e contra os Papas, mesmo algumas das heresias que proferio e que iam de encontro ao seu visivel deísmo tão profundamente poetico e tão profundamente humano — não provam nem arrojo, nem coragem. Arrojo e coragem teve-os Voltaire, n'um seculo todo cheio de preconceitos, quando Roma era ainda a Roma orgulhosa, triumphante e temida, quando cada Papa era uma especie de *von Bismarck* da actualidade — dando na Igreja o golpe mortal, arriscando a cadeia, arriscando o exilio, mas fazendo do Papado esse cadaver que mais tarde Garibaldi e Victor Manuel enterraram juntos na cova do Vaticano. Onde Victor Hugo mostrou coragem, foi sómente nas luctas que sustentou contra o deboche do segundo imperio, vindo-se obrigado a fugir para Jersey, escrevendo lá a *Ultima verba*, essa soberba poesia que termina por esta maravilhosa quadra dos exilados, que toda a França sabe de cór:

*Si l'on est plus que mille, eh bien! j'en suis! Si même
Ils ne sont plus que cent, je brave encore Sylla;
S'il en demeure dix, je serais le dixième;
Et s'il n'en reste qu'un, je serais celui-là!*

Aqui, é que toda a sua coragem se revelou, foi aqui que elle mostrou que estava prompto ao sacrificio e á morte pela sua ideia, continuando implacavelmente a cravar o punhal vingador sobre o coração d'esse Imperio pelintra!

Mas que pode affrontar Guerra Junqueiro com o seu poema? Qual seria o governo bastante corajoso para o metter na cadeia, para lhe fazer um processo, por atacar assim a religião do Estado? Nenhum! Se o proprio representante de Roma se lembrasse de pedir uma satisfação ao ministro dos Estrangeiros pela carta *Ao Nuncio Masella*, o Nuncio corria o risco de ser corrido a assobio. O espirito clerical já não tem a influencia sobre o publico que o poeta parece crer reconhecer-lhe. Repare o poeta no que se passa nas nossas igrejas. Para que a multidão entre, é necessario que lá dentro o espectáculo seja realmente famoso — que a igreja seja theatro, e mais nada!

O seu pamphleto é uma deliciosa *blague* escripta em momentos de bom humor, á hora do café e do charuto. Ideias suggeridas por entre a palestra viva dos amigos, poesias que não podem ser filhas d'uma nobre indignação — porque nem Roma domina, nem a *Nação*, nem o sr. Padre Senna Freitas nos impõem a sua vontade. E que affronta Junqueiro? A ira dos padres? A indignação do sr. Cardeal Patriarcha?... É a historia dos lagartos. Já perderam todos os dentes nas abas d'um chapéo. E o paiz, em vez de se indignar, ha de ler com prazer aquelles versos — e até o ministerio e Sua Magestade Fidelissima hão de saborear com gula algumas das famosas heresias!... Em vez da indignação, os applausos; em vez d'um processo, da cadeia, ou do exilio, talvez as felicitações do proprio monarcha que em muita conta tem a litteratura da nossa terra.

Combater hoje a Igreja e o Papado, é tempo perdido. São cadaveres que nem mesmo um milagre de Deus os faria ressuscitar! É por isso que o fim principal da *Velhice do Padre Eterno* é perfectamente inutil. Para destruir a superstição que ainda reste no espirito popular, basta-nos a eloquencia das linhas ferreas, cortando os campos, e das linhas telegraphicas, cortando os ares. A proporção que a Arte, a Litteratura e a Sciencia vão entrando no espirito do povo, vae de lá sahindo pouco a pouco o vasio da ficção religiosa. Atacar um Deus ou Deuses é admitir a sua existencia, o que é um erro, porque faz surgir a duvida. O poeta terá razão, ou não terá razão?... E o proprio poeta tambem crê n'um Deus? Para quê?... Mais vale crer na força do homem e nas forças da Natureza. É mais preferivel, quanto a mim, o ideal optimista da grandeza do Homem pelo

seu trabalho e pela sua intelligencia, do que o ideal optimista d'um Deus bom que

*Cabe com todo o seu vastissimo esplendor
N'um olhar de creança ou n'um caliz de flôr,*

que o poeta nos quer impôr, e em que afinal de contas não temos necessidade alguma de pensar — porque passamos perfectamente sem elle!

Se se deseja supprimir um culto, um culto que conta desoito seculos d'idade, é necessario que os senhores reformadores pensem em substituil-o por outro. Uma sociedade é como a poesia, é como toda a Arte, que não pode viver sem um ideal.

Ao pobre camponez que vae humildemente assistir ao santo sacrificio da missa, se lhe perguntarem porque ali vae, porque perde assim uma hora do domingo que elle poderia oferecer inteiro ao repouso do corpo — não saberá explicar a razão. Não é o costume, nem a tradição que o impellem; é a sua alma, a sua alma que o obriga a entrar com mais respeito e com mais submissão na igreja, do que na sala d'um tribunal. E o bom philosopho poderá então ver que toda aquella gente que se ajoelha diante do altar sem saber bem por quê, é porque tem o instincto dos cultos humanos — o culto do amor da patria symbolisado no amor de Jesus pelo seu povo. É todo o christão, desde o mais ignorante até ao mais civilisado, sente e advinha que « é o sangue de todos os sacrificios, o que » o sacerdote ergue no calix, para o Deus des- conhecido! » Ora o genero humano, cujo ideal é formado de Amor e de Caridade e de Justiça, só tem encontrado a glorificação d'esse ideal, apezar de todas as artimanhas de Roma, sob as cupulas sonoras das cathedraes...

E o culto que hoje nos convém, aquillo para que é necessario encaminhar o povo, é para a adoração da Patria e da Intelligencia livre. Mas então vamos cahir no Pantheismo? E porque não?... A apothose de Victor Hugo veio provar á Europa que a França está em vespereiras de preferir o culto de Joanna d'Arc, ao de qualquer santa da Côte do céu. E o centenario de Camões? Não será uma expressão brilhante do pantheismo moderno, ligada á grande religião da Patria?... Mas então voltamos aos tempos antigos? Não! Voltamos á Verdade, que de tempos a tempos tem andado suffocada pela paginas da historia.

E deixemos em paz os Padres, e os Papas. A sciencia deu cabo d'elles; e quando a Instrução tiver chegado ao seu auge, e quando todos os poetas eminentes, como o nosso querido e illustre Junqueiro, se reunirem para entoar o hymno da Humanidade redimida pela Sciencia e pela Arte, então havemos de assistir a uma nova Reforma — não a uma nova Renascença — e os povos hão de ser felizes mais cedo do que nós julgamos.

E deixemos, grande e satyrico poeta, em paz o Papa. Porque hoje o Papa — ó illustre auctor da *Velhice do Padre Eterno* — não passa d'um infimo empregado do Céu, pedindo protecção á lutheriana Allemanha, e querendo conquistar a amizade da protestante Inglaterra.

O Papado, afinal de contas, acaba por nos inspirar piedade!...

MARIANO PINA.

P. S. — Na minha proxima *Chronica* me occuparei de outro livro que recebi depois da *Velhice do Padre Eterno*, e que n'este momento adquire ruidoso successo em Portugal. Alludo ao volume *A Hollanda*, de Ramalho Ortigão.

M. P.

A ILLUSTRACÃO publicará no proximo numero um bello conto do seu brilhante collaborador Fialho d'Almeida. Titulo: NYMPHAS NO BOSQUE.